



Evento	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	Cor e conflitos étnicos na polícia de Porto Alegre (1897-1928)
Autor	ANA MARIA BARTH TEIXEIRA
Orientador	CLAUDIA MAUCH

Título: Cor e conflitos étnicos na polícia de Porto Alegre (1897-1928)

A pesquisa investigou a presença de policiais negros e mestiços na polícia municipal de Porto Alegre durante a Primeira República e os conflitos e dificuldades por eles enfrentados no exercício cotidiano de suas atividades. Dentro do projeto “Negros fardados: a presença de afro-brasileiros na polícia em Porto Alegre na Primeira República”, orientado pela prof. Cláudia Mauch, pesquisei inquéritos administrativos movidos contra agentes da Polícia Administrativa da capital do RS no período de 1897 a 1928, conservados no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, tendo como objetivo verificar e analisar designações de cor de policiais e qual o peso dos conflitos entre negros e brancos nos conflitos em geral em que se envolviam os policiais. A bibliografia (MAUCH, 2011; MOREIRA, 1995; ROSEMBERG, 2008) tem demonstrado que as polícias brasileiras entre meados do século XIX e primeiras décadas do XX empregavam muitos negros, mas a falta de designação de cor na documentação oficial dificulta uma análise mais quantitativa e sistemática do caso local. Deste modo, os inquéritos foram lidos e fichados em busca de informações qualitativas sobre as definições do tom da pele de policiais e de possíveis conflitos envolvendo questões étnicas. Do total de 57 inquéritos, foram encontradas menções à cor somente em 18. Os resultados da análise dos 18 inquéritos revelam que quatro referem-se ao envolvido como policial de cor, sendo as variações para tal “negro”, “mixto”, “negrinho” (no caso de João “Negrinho”, apelido de José Luiz de Almeida Lemos que se supõe ser referência a sua cor) e “caboclo”. Portanto, as outras 13 ocorrências de menção ao tom escuro de pele são com relação a outros envolvidos nos conflitos ou testemunhas (designados como “preto”, “creoulo”, “mixto”, “mulata” e “negro”). Em vários conflitos entre policiais brancos e “suspeitos” não brancos, os policiais usavam ofensas raciais. Por outro lado, a documentação mostrou que policiais negros e pardos eram também vítimas desse tipo de xingamento e tinham dificuldade de impor sua autoridade. Nesta apresentação, além da exposição dos dados obtidos até o momento, será feita uma análise mais aprofundada de um conflito ocorrido em 1910 entre um policial “caboclo” e outro supostamente branco. O estudo reveste-se de importância sobretudo por investigar o assunto no período de pós-abolição, oportunizando maior conhecimento sobre a transição pela qual passava essa sociedade recém-ex-escravista e que ainda mantinha preconceitos e “racializações” hierárquicas. Exemplo disso é a expressão “negro não é autoridade” dita por um homem branco a um policial negro no ano de 1920 em Porto Alegre (Inquéritos Administrativos. 06/12/1920. Subintendências, Caixa 2. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho), que demonstra a complexidade em aceitar que um policial de cor pudesse ser respeitável. Tal análise, portanto, contribuiu para o debate sobre as diferentes formas de construção da liberdade e da cidadania no Brasil republicano.